

23-01-2020

Com tecnologia, "Morte e Vida Severina" hoje em dia!

Diego de Oliveira Souza

[Doutor em Serviço Social/UERJ. Professor do PPGSS-UFAL/
Maceió e da graduação em Enfermagem/UFAL/Arapiraca]

Ainda hoje, Severinos peregrinam por aí tal qual João Cabral de Melo Neto nos contou em sua poesia.

Do Sertão à Capital, eles fogem da morte, mas com ela sempre deparam. É claro que muita coisa mudou, a vida se complexificou e a tecnologia chega em lugares nos quais se mistura com a fome e a sede. Todavia, o sistema do capital, sempre ameaçado de pletora, conseguiu transformar a todos em consumidores de seus artefatos tecnológicos, que se fazem cada vez mais mediadores de nossas relações. Mais do que isso, a tecnologia reorganizou a vida dos homens e mulheres de hoje, que se (des)encontram muito mais pelas redes virtuais do que nas veredas reais. Tudo reflexo da propulsora força de acumulação advinda do "mundo do trabalho", orientado para o mais trabalho, a mais-valia, logo, também, para mais tecnologia. Mas para tal sistema não serve qualquer tecnologia, trata-se de um (pseudo) desenvolvimento que permita que, ainda que por diferentes caminhos, continuemos a ser Severinos.

Com isso, as relações têm se tornado ainda mais vazias, efêmeras e adoecedoras. Pela tecnologia, o capital continua mortificando homens e mulheres, fazendo com que a maioria de nós experimente a morte em vida.

Com a tecnologia, também, metamorfoseiam-se outros tipos de peregrinação, pois muitos Severinos, hoje, são expulsos do seu trabalho rumo à informalidade e à precarização. A Vida Severina tem muitas faces, não só a nordestina, o princípio que dela subjaz lança luz para entender o caso dos vários peregrinos que, em uma migração contemporânea, sob vertigem, enxergam miragens e promessas de virarem patrão, como, por exemplo, na falácia forjada pela uberização!

No "mundo do trabalho", o fenômeno da uberização é o mais emblemático da reorganização pela tecnologia.

Esse fenômeno consiste em uma forma de precarização do trabalho na qual o trabalhador (motorista, entregador etc.) oferece o serviço pela mediação de uma empresa que fica com uma parte do que é pago, passando ao trabalhador apenas a outra parte. São empresas que promovem a relação entre o trabalhador e o cliente através de aplicativos, em uma rede virtual que monitora o serviço, avalia e controla o trabalhador.

A mais famosa, uma das pioneiras desses serviços, foi a empresa Uber, razão pela qual o fenômeno foi denominado em sua alusão. Vejamos: agora Severino acha que é patrão porque não tem carteira assinada, acha que faz sua jornada e, quanto mais trabalha mais ganha. Mas será que isso é verdade ou é um oásis que se desmancha no ar? Para o sociólogo Ricardo Antunes, esse fenômeno revela que *"trabalhadores e trabalhadoras com automóveis próprios arcam com despesas de previdências, manutenção dos carros, alimentação etc., configurando-se como um assalariamento disfarçado de trabalho 'autônomo'."*¹

Francisco Lacaz corrobora ao afirmar que *"o 'bico' leva à perda de férias, 13º salário e previsão de renda. Ademais, não garante aposentadoria nem assistência à saúde, sendo que os serviços uberizados têm maior possibilidade de prosperar em situações de crise econômica como a vivida hoje no Brasil, quando as empresas aproveitam para buscar tratamento fiscal que se encaixe melhor na lucratividade"*²

Afinal, na verdade, revela-se um conjunto de trabalhadores que continua submetido a uma relação de exploração, mas ludibriado pelo discurso da autonomia e, empurrado pelo desemprego estrutural, emerge numa forma precarizada de trabalho, sem nenhum direito trabalhista ou proteção social. Pelo ritmo e jornadas de trabalho que assumem, os trabalhadores perdem sua saúde ainda mais rápido^{3;4}, constituindo um ocaso no qual enfrentam problemas maiores, mas com menor ou inexistente assistência de saúde. Então, a uberização e todas as relações constantemente (re)transformadas pelas tecnologias, oriundas de uma base cognitiva pró-capitalista (é bom que se diga que a tecnologia, em outra base cognitiva, em outra base social, pode atuar a favor de Severino⁵), em vez de concretizarem a promessa de libertação do assalariamento, do aumento do tempo livre ou de aproximação das pessoas, resultam, ao contrário, em aumento da exploração, do adoecimento e das relações sociais fugazes. De outras formas, Severinos, Fabianos, Josés etc. continuam migrando para lá e para cá, atrás de promessas vazias, encontrando morte em vida, também, pelas tecnologias! ■■■

Referências e links

1 - Antunes, R. Proletariado digital, serviços e valor. In: Antunes, R. (org.) Riqueza e miséria do trabalho no Brasil IV: trabalho digital, autogestão e expropriação da vida: o mosaico da exploração. São Paulo: Boitempo, 2019.

2 - Lacaz, F. Coluna Opinião de 29/10/2019:

<https://www.multiplicadoresdevisat.com/artigos-de-outubro-a-dezembro-de-20>.

3 - <https://exame.abril.com.br/carreira/o-lado-sombrio-do-trabalho-para-aplicativos-e-como-e-pior-para-mulheres/>

4 - <https://www.brasildefato.com.br/2019/07/21/uberizacao-vai-mascarar-numeros-de-acidente-de-trabalho-dizem-especialistas/>

5 - Novaes, H. O fetiche da tecnologia: a experiência das fábricas recuperadas. São Paulo: Expressão Popular, 2010

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.